

SANDRA PASSARINHO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 21/08/2008

Qual o seu nome completo, a data e o local de nascimento?

O meu nome completo é um segredo, eu vou dizer aqui, mas tecnicamente é um segredo. Meu nome é Sandra Almada Laukenickas. E Passarinho foi apelido que virou nome profissional. Não sei se foi o Borjalo [Mauro Borja Lopes] que deu esse apelido ou se foi o Amauri Monteiro, já falecido, que era um chefe de reportagem na época em que eu comecei. Só sei que pegou. Na primeira vez que tinham que me identificar no ar, acharam que meu nome ia ser meio estranho, era grande demais. E alguém: "Sandra Passarinho". Aí não me restava outra alternativa senão adotá-lo. Eu nasci no Rio de Janeiro no dia 14 de abril de 1950.

Sandra, quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?

Meu pai se chamava Jacó Laukenickas. Ele trabalhava na Light. Minha mãe se chamava Vandalice Almada e era dona-de-casa. Ambos são mortos.

Qual a origem do nome Laukenickas?

É lituano. Toda família do meu pai é lituana. Uma parte da família na década de 30 emigrou para o Brasil e, outra parte, alguns foram para os Estados Unidos, outros permaneceram na Europa.

E Passarinho tinha a ver com alguma característica sua ali no trabalho?

Eles achavam que sim. Era pequeninha e jovem e ia de um lado para outro, era esperta.

E como que você se decidiu pelo jornalismo?

Na verdade eu não me decidi pelo jornalismo, o jornalismo é que se decidiu por mim. Em 1968, eu era vestibulanda e minha prioridade era fazer Ciências Sociais. Aí eu fiz o vestibular em 1969, passei para o IFCS, Instituto de Filosofia e Ciências

Sociais da UFRJ aqui no Rio de Janeiro. O IFCS foi fechado, porque nós vivíamos um período muito turbulento historicamente no Brasil naquela época. 1968 foi aquele ano de todas as passeatas, do AI-5... E em 1969, durante um bom período, o IFCS foi fechado e vários professores foram jubilados, outros foram presos, outros se auto-exilaram. Minha primeira decepção com a faculdade foi essa, eu queria estudar aquilo que não era possível naquele momento. Minha segunda opção tinha sido Comunicação. Em 1970, fiz vestibular para a ECO, Escola de Comunicação da UFRJ, da Nacional. Também não gostei. Achei muito desorganizada, enfim, outra decepção. Aí voltei a fazer um outro vestibular para Comunicação, porque eu já tinha começado a estagiar. Então eu falei: "já que eu estou nessa, então vou fazer um outro vestibular". Aí fiz um vestibular para a [faculdade] Hélio Alonso, a Facha. Cursei um ano e fui embora do Brasil. E eu só consegui me registrar jornalista porque eu era jornalista provisionada, como se chamava naquela época, e podia, automaticamente, passar com o tempo de trabalho a profissional, porque eu comecei a trabalhar antes da lei que passou a exigir o diploma de Comunicação para o exercício do jornalismo. Bom, felizmente eu entrei antes dessa lei, porque eu não gostaria de fazer a faculdade de Comunicação até o final de qualquer maneira. E na Inglaterra, onde eu fui morar, eu consegui fazer um curso de Ciências Sociais finalmente, que eu queria, muitos anos depois.

E em que circunstâncias você entrou para a TV Globo? Como é que você conseguiu esse estágio?

Eu consegui o estágio, porque quando eu estava, em 1968, fazendo o cursinho Platão, eu tinha um colega chamado Vladimir Godoy que já trabalhava na *Globo*. Era coordenador de produção ou alguma coisa assim e nós estávamos na mesma turma. E ele vivia me dizendo: "Sandra, eles estão precisando de estagiários lá, jovens, inteligentes, e eu acho que você leva jeito." Eu já falava línguas, tinha interesse na área de Ciências Humanas e Sociais, por isso eu estava querendo fazer o vestibular para o IFCS. E eu dizia: "Não, mas eu quero fazer o vestibular. Primeiro eu vou ficar estudando; quem sabe numa outra ocasião." O tempo passou, passou, passou, e ele insistia, insistia, insistia. Em 1969, quando o IFCS fechou e antes de eu me decidir a fazer um vestibular para a Escola de Comunicação, eu o procurei e falei: "Bem, fechou a faculdade, eu não sei se eu quero exatamente fazer uma outra faculdade, então deixa eu pensar. Quem sabe um estágio vai ser uma coisa boa para mim." E lá fui eu, e foi assim que eu comecei, mas eu jamais havia pensado em trabalhar na televisão, eu nem assistia muito televisão, eu estava mais interessada em leitura, em ir a teatro, em ir a praia. Televisão era uma

coisa completamente fora de cogitação para mim, por isso que digo que o jornalismo que me descobriu. Não eu a ele, mas ele a mim. E aí acabou dando certo, porque eu acabei sendo a pessoa certa no lugar certo, na hora certa. Eu acho que a nossa vida é feita muito por circunstâncias também. Há circunstâncias que te favorecem, circunstâncias que te desfavorecem, quando aparece uma que te favorece, que o cavalo está passando devagar, é importante você ter a percepção de que aquilo pode ser bom para você.

Como é que era a TV Globo naquela época?

Olha, era muito diferente do que é hoje. O jornalismo era menor... Eu nem fiquei muito impressionada com o trabalho, eu não sabia o que eu ia encontrar. Bom, fisicamente não era muito grande, não havia muitas salas, havia um estúdio e nem tinha muita gente ainda trabalhando, era bem o início do processo. O *Jornal Nacional* só veio a existir em...

1969.

É. É mas... O *Jornal Nacional* foi em 1969? Que começou? Mas eu não sei se... Já começou em rede?

Começou em rede.

Começou em rede em 1969?

É, setembro de 1969, eu acho.

Eu achava que tinha começado em 1970.

Não, é 1969.

1969. Bom, mas era uma coisa pequena ainda; hoje você entra é um... Os cenários dentro da redação. Naquela época, era mais próximo até do que seria uma redação de jornal, a redação de jornal era maior do que era a redação da televisão. Então como não tinha tanta gente, um estagiário como eu, um iniciante tinha espaço. Então, eu fazia tudo, eu atendia telefone, eu cortava Telex, eu fazia rádioescuta, eu ficava olhando as pessoas fazendo texto, entrava nas ilhas de edição e ficava olhando, e perguntava o que é isso, o que é aquilo outro? E assim fui eu. Era um estágio menos formal do que os estágios de hoje, porque eu não passei pelo departamento de Recursos Humanos. Não havia essa estrutura, era diferente. Então a gente aprendia, aprendia quem quisesse aprender, iria aprender bastante, porque tinha espaço, e quem não quisesse, e entrasse ali, e eventualmente se sentisse um pouco perdido poderia até vir a ficar desestimulado a fazer. Eu fui

fazendo várias coisas na redação, depois eu comecei a sair à rua, fazer pequenas matérias, fazer entrevistas, e simultaneamente passei a editar também. Virei editora primeiro: antes de me solidificar como repórter, eu fui editora. Então, fiz edição para um programa chamado *Jornal Internacional*, quer era muito interessante. Tinha três editores basicamente: eu, o Carlos Castilho, que era o editor-chefe, e o Jorge Pontual, que hoje está em Nova Iorque, trabalha muito para a *GloboNews*. Era um programa de noticiário internacional que ia à noite e que tinha um pouco mais de liberdade de texto, de informação, do que o *Jornal Nacional*, porque nós estávamos em plena ditadura. E era difícil. As mesmas restrições que existiam nas redações da imprensa escrita existiam na televisão.

Você se lembra de episódios específicos dessa atuação da censura?

Tudo que tinha notícia que vinha do Planalto ou do Governo passava por um crivo. Tinha que fazer atenção, ou ia para o Armando [Nogueira] ver, tinha que consultar. Mas, eu me lembro, ao mesmo tempo, de uma coisa muito interessante que aconteceu, que passou, fugiu completamente ao controle e ficou sensacional no ar. Era um final de ano em que, na mesma edição do telejornal, estava se apresentando um banquete de mendigos - era em algum lugar, não sei se era igreja organizando, uma paróquia organizando uma ceia para mendigos - e tinha a ceia do Palácio do Planalto, a ceia presidencial. E uma entrou no ar ao lado da outra. Aquilo foi aquelas coisas que ninguém pensou. E quando se viu no ar... Deu aquele choque! Todo mundo na redação achou ótimo, sensacional. E óbvio que quem viu aquilo em casa também sentiu alguma coisa. Aquilo escapou completamente ao crivo de todo mundo, ninguém percebeu. Sabe dessas cagadas? Essa foi uma cagada no bom sentido. Quer dizer, pela lógica da época, da circunstância, seria impossível que aquilo fosse exibido, mas foi exibido. E é uma pena que eu acho que esse material era todo em filme, então nós não temos isso em arquivo, porque também um arquivo pegou fogo e muita coisa desapareceu. Mas isso era sensacional, quer dizer, é o imponderável que a televisão também tem, que você não consegue controlar, é como uma coisa ao vivo. Ao vivo pode acontecer tudo e o imponderável se estabelece. Aquilo foi uma imponderabilidade.

Aquilo gerou alguma reclamação dos militares? Você se lembra?

Olha, aquilo gerou um zum-zum-zum, uma conversa danada lá dentro.

Nessa época, Sandra, qual era a proximidade do Roberto Marinho com a produção do jornalismo na TV?

Que eu me lembre, nenhuma. O doutor Roberto não estava ainda diretamente envolvido na TV. O doutor Roberto, naquela época, eu acho que só dava despacho n' *O Globo* mesmo, porque quem comandava a TV era o grupo formado pelo Walter Clark. O Walter Clark, o Boni [José Bonifácio de Oliveira Sobrinho], o Armando era, quando eu entrei, diretor de jornalismo junto com o Moacir Masson. Aí havia o Daniel Filho, o [José Ulisses] Arce, o Joe Wallach (que está de volta aos Estados Unidos, voltou há muitos anos). Foi esse grupo que criou a televisão. O doutor Roberto entrou depois do afastamento do Walter. Aí que ele entrou mais diretamente.

E quem são seus companheiros de redação nesse início? O Armando é o chefe...

É. Era o Armando, o Moacir Masson, o Vladimir Godoy, que era esse colega na coordenação da produção, que era irmão de uma atriz, vedete, chamada Valentina Godoy, que era muito conhecida na época. O Amaury Monteiro, chefe de redação, o subchefe da redação era o Luiz Carlos Lourenço, o gaúcho, que depois foi trabalhar n' *O Globo*, a Márcia Mendes, que era a apresentadora do *Jornal Hoje*, o Edson Ribeiro, que era o editor do *Jornal Nacional*, Humberto Vieira, editor do *Jornal Nacional* também, que já morreu. Acho que a Tereza Walcacer também estava nessa época. Depois entrou o [Jorge] Pontual, o [Carlos] Castilho, pessoal da redação. Assim de imediato, eu estou me lembrando desses, mas havia mais gente.

Você lembrou que nessa época ainda era filme, nem tinha vídeoteipe. Explica um pouco quais eram as condições técnicas da produção de jornalismo.

Quando a gente saía com 400 pés de filme, que era um rolo de dez minutos, a gente saía com muito filme. Quatrocentos pés de filme era para um evento especial. Ou seja, tinha que se fazer muito com pouco, em pouco tempo. O que era interessante, eu acho, como preparo, como treino para se fazer televisão, porque televisão você precisa fazer muito com pouco, você tem menos em relação à imprensa escrita, por exemplo. Você tem menos tempo, um, dois minutos no ar é muito tempo, você tem as mesmas notícias e tem menos tempo para dar, então você tinha e com frequência pouco tempo para produzi-las também, então tinha que fazer uma notícia com pouco filme. O desperdício ali era um crime e isso eu achei que era uma coisa interessante no início, no aprendizado. Hoje em dia, o pessoal entra e já pode errar a vontade, porque agora você está na época do disco ótico, então você pode usar, usar, usar, usar. Lá, para fazer um *take*, era um *take*, dois *takes* e pronto. E fisicamente também era mais complicado. O processo era um

pouco mais complicado, porque você chegava, o filme tinha que ser revelado; da revelação tinha que ir para a moviola; e era mais lento do que hoje. Só que tinha uma vantagem em relação a hoje. Hoje, quando a coisa pifa, se pifa um sistema eletrônico, você não pode dar jeito. Antes, dava-se jeito. Mas eu acho que, na passagem para o vídeo, a gente ganhou em velocidade, sem dúvida nenhuma, porque você eliminou o tempo de revelação, por exemplo. E quando a revelação não dava certo, saía errado alguma coisa, aí... A gente ganhou em velocidade na captação do material do dia-a-dia... Mas eu acho que a película, ainda tem uma sutileza, uma nuance que o vídeo não tem. Falta pouco para o vídeo chegar. Mas para o jornalismo foi um ganho passar para o vídeo, na verdade.

Nessas condições, quais eram as dificuldades de se fazer um telejornal em rede? O *Jornal Nacional* é o primeiro telejornal em rede, como é que funcionava? Como vinha o material das outras cidades?

Bom, em primeiro lugar, vamos ver do lado nosso aqui da reportagem. Às vezes a gente saía com mais de uma matéria, saía-se com duas, três matérias para fazer, o que já era puxado. Eventualmente, havia matérias que se fazia com a mudinha, como a gente dizia. Que não tinha sonoras nem o filme, era com som, era com áudio. Se fazia a mudinha, mas a mudinha também era uma matéria. Muitas vezes era o registro de uma situação que você tinha que saber o que estava acontecendo, apurar quem estava ali, quem era quem, escrever e trazer para a redação, revelar... Eu não me lembro exatamente como era no início, se todas as praças estavam interligadas operacionalmente já como estão hoje, eu creio que não. Por satélite entravam São Paulo, Rio, depois é que foram entrando as outras praças e falava-se muito pelo telefone com as praças. Hoje em dia, você tem a reunião de caixa, direta, todo mundo se vê. Nesse sentido era mais complicado mesmo. Agora eu não estava diretamente na operação de montar o telejornal. Ou estava editando uma matéria ou estava na rua fazendo uma reportagem. Eu nunca estive na coordenação operacional. Eu só via, mas seguramente havia muitas dificuldades e dificuldades com operação de satélites. Por exemplo, quando eu estava na Europa, eu sofri muito com isso - olha que já estava o *Jornal Nacional* no ar há anos - a gente mandava por satélite, o satélite pifa e cai o sinal, tinha muito dessas coisas, não tinha as facilidades que tem hoje.

Ainda falando da época em que você foi editora do *Jornal Internacional*, qual era o peso desse noticiário internacional naquele momento?

Um peso grande, porque, nos Estados Unidos, tinha a guerra do Vietnã e depois entrou o imbróglio do caso Watergate; tinha Allende no Chile. Esses assuntos nós

cobrimos fortemente; tinha a Guerra Fria, que colocava, de um lado, americanos; de outro lado, soviéticos. Isso já rendia muito material. O Vietnã rendia muito material, depois o Chile entrou muito, tinha muita matéria no Chile, eu me lembro, porque eu fiz muito, eu escrevi muita matéria sobre o Chile naquela época. Nós conseguimos vários tentos assim, porque o horário do jornal era tarde e a maioria dos censores já tinha ido dormir, então a gente conseguia fazer uma coisa direita, uma coisa decente dentro das nossas dificuldades.

Ao mesmo tempo, era o noticiário com material vindo das agências de notícias.

Sim, é.

Isto também não era uma questão: a visão que as agências internacionais davam dos fatos?

É. A gente não tinha ninguém nosso lá, mas nós tínhamos as imagens sempre das agências, chegavam os Telex das Agências, mas nós também tratávamos de nos abastecer com jornais estrangeiros, revistas estrangeiras, a gente procurava isso. Nós mesmos procurávamos ler pontos de vista diferentes, que não fossem os oficiais. Então, no Chile, a gente fez uma cobertura bastante equilibrada, e eu acho que a gente conseguiu traduzir o que acontecia verdadeiramente no país, inclusive os erros que o Governo Allende estava fazendo que levaram ao acirramento das contradições e ao reforço das forças, ao reforço dos grupos de direita que derrubaram o regime com a ajuda dos americanos. E no Vietnã também. Agora, o noticiário nacional era complicado. Não havia como, porque era censurado mesmo (a não ser quando eram coisas que fugiam à questão do militar).

Essa censura atuava como? Tinha censor dentro da redação?

Tinha uma pessoa na redação que fazia o contato com os militares, que era um jornalista, que fazia o contato e conversava e tentava eventualmente até amaciar as coisas um pouco, mas certas coisas não podiam.

Mas ele era um jornalista funcionário da casa?

Funcionário da casa. Que fazia o contato com os militares.

Você estava falando do Allende. Quando tem golpe no Chile, os militares baixaram uma norma, pelo menos nas redações dos jornais, de que não poderia ser dada a notícia do golpe em manchete na primeira página. Tem

a célebre primeira página que o Alberto Dines fez então no JB... Você lembra se chegou alguma orientação na redação?

Nós demos, eu me lembro da gente ter dado o Palácio *La Moneda* pegando fogo, nós demos isso no *Jornal Internacional*. Acho que havia uma relação diferente, talvez do ponto de vista da censura, entre os jornais e a televisão, porque a televisão estava começando a se fortalecer, a se tornar importante, mas ela ainda não era o que se tornou depois em termos de audiência de massa. Ela foi crescendo, crescendo a ponto de se tornar muito impactante, de ela dizer coisas que mobilizem muito a opinião pública. Ali, 1970, 1971... 1972, 1973, os jornais ainda tinham um papel importante junto às camadas médias da sociedade, acho que talvez mais do que a televisão, que estava começando. Mas o que era censurado de um lado era censurado do outro. Talvez a cor da tinta é que podia ser pior no jornal, até porque o jornal tinha mais espaço. Então, é claro que a Guerra no Vietnã, o golpe no Chile, em qualquer jornal ia ganhar folhas e folhas. Na televisão ia ganhar muitos minutos, que seria mais ou menos o equivalente às muitas folhas do jornal, mas o jornal iria poder falar mais, em profundidade.

Essa relação com as emissoras mudou à medida em que televisão ganhou uma audiência massiva, ao longo da ditadura? Quer dizer, passou-se a ter mais rigor também em relação às emissoras?

Durante uma boa parte desse tempo, eu estava na Europa, então, eu não estava no dia-a-dia da redação. Eu acho que era difícil, porque as pessoas falam. Mas, ao mesmo tempo, a televisão foi ganhando mais força. Eu saí daqui em 1974, então, uma boa parte aí eu realmente eu perdi. No ano do primeiro endurecimento, em 1968, eu era estudante; 1969, eu era estagiária; aí em 1970, 1971 ainda estava aquela coisa. Eu acho que a coisa apertou mesmo lá para 1973, aíque realmente apertou.

Chegava algum tipo de orientação para você, quando você era correspondente? Em algum momento foi: "olha, a gente não vai poder dar isso dessa forma"?

Não. Não chegava. "Diga isso assim, faça isso dessa maneira". Não. Eu mandava, mas como tudo entrava, eu não sei. Por exemplo, golpe em Portugal, que, enfim, foi uma luz nas trevas que aquele país antiquado, reacionário, autoritário, de alguma forma começou a desabrochar. Havia milhares de pessoas nas ruas quando aqui já ninguém mais ia para a rua. Eu me lembro, o primeiro de maio em Portugal, logo após o estouro do 25 de abril, tinha um milhão de pessoas na rua. Aquilo foi uma coisa fantástica. A única coisa que eu pessoalmente tinha presenciado com

aquele impacto foi a Passeata dos Cem Mil, em 1968, mas aquilo era incomparavelmente maior, aquilo era um país inteiro se mexendo e chamando a atenção do resto do mundo. Foi muito interessante como jornalista ter feito aquela matéria e ter mandado para o Brasil. Inclusive, eu me lembro que eu ia escrevendo o texto com um bloquinho. Eu estava na passeata, anotando coisas que eu via, perguntando coisas a pessoas, ali, *in loco*. Eu me sentia como participante também. Eu estava trabalhando, mas eu também me sentia participante daquele momento histórico. Eu era muito jovem também, e vinha do Brasil, era a mesma língua, tinha tudo a ver. Então, naquele período, cobri a chamada Revolução dos Cravos, em Portugal, que não foi exatamente uma revolução, mas ganhou esse nome. Foi muito interessante, muito bom como jornalista, e eu aprendi muitas coisas, como se faz, como não se faz...

Sandra, narra um pouquinho com mais detalhes o que te impressionou naquele acontecimento, o que mais chamou sua atenção.

Bom, primeiro, me impressionou o primeiro de maio. Fisicamente, aquilo era uma manifestação de disposição nacional de fazer as coisas. Segundo, me impressionou também como nós aqui pouco conhecíamos do país, porque aquilo nos surpreendeu. A gente já tinha ouvido falar no general Spínola como um símbolo da rebelião dos militares. Na verdade, ele era um homem muito conservador e virou um ícone a despeito do próprio conservadorismo. Ele era uma facção mais à esquerda dentre os direitistas, as facções conservadoras dos militares. Mas, a gente sabia muito pouco do que estava acontecendo nos subterrâneos daquela sociedade. Eu acho que não se dava muita atenção aqui às guerras na África, Angola, Moçambique. Àquilo não, estava muito longe da gente. E Portugal era aquele pai distante da pátria; e que, com frequência, nós subestimávamos. Então foi muito interessante ver que esse país tinha coisas que nós desconhecíamos e que eram favoráveis e com as quais nós podíamos aprender. Que estava ensinando coisas para nós e para outros países também. E depois, ao lado, tinha a Espanha, eu também cobri a morte do Franco, o início da redemocratização da Espanha, isso também foi muito interessante. Mas Portugal foi uma aventura, foi especialmente melhor no nosso caso - o meu e do Orlando Moreira, que era o cinegrafista -, porque nós saímos e nós sabíamos o que íamos fazer: ser correspondentes na Europa já naquele ano, mas o Golpe em Portugal apressou. No dia do Golpe, 25 de abril, nós pegamos um avião. Não podíamos parar em Lisboa, porque o aeroporto fechou, então fomos a Madri, chegamos no dia 26 em Madri. Em Madri, nós fizemos uma matéria de repercussão do Golpe, o que as pessoas estavam achando, o que diziam os jornais espanhóis, aquela coisa toda. Da televisão espanhola *TVE*,

geramos para cá, e no dia seguinte de manhã, no dia 27 de abril de manhã, nós fomos de carro - pegamos um táxi - de Madri para Lisboa, aí chegamos em Lisboa com tudo acontecendo. Isso foi muito interessante. Caímos ali de pára-quadras e era difícil até entender o que é que estava acontecendo, porque eu ia para as Agências, dava uma passada na AP [Associated Press] e na UPI [United Press International], a *Globo* tinha um contrato com a UPI que me permitia ficar olhando o material e eventualmente usando a máquina deles, mas UPI também era um crivo muito americano. Então, até eu me entender com o que estava acontecendo, isso demorou; até conseguir chegar nas pessoas, até conversar com as pessoas do partido, conversar com gente na rua. Nem eles mesmos se entendiam direito, a organização do golpe era uma bagunça, os militares... aquilo era um negócio desorganadíssimo, essa desorganização foi com o tempo aparecendo. Foi um desafio para mim entender o que estava acontecendo ali, o que era aquilo... Você esbarra na pessoa que quer te dar uma informação por vias escusas, que atende a interesses que não te interessam. Então, separar o joio do trigo foi uma tarefa cansativa, era um aprendizado. E eu era jovem também. Um jornalista com uma bagagem, com uns 20 anos já nas costas, certas coisas que você olha, você sabe ler as entrelinhas. Eu ainda estava aprendendo a fazer isso.

Quantos anos você tinha, Sandra?

Eu tinha 24 anos, em 1974.

E como é que a TV Globo manda alguém tão jovem para ser correspondente?

Pois é. É uma dessas coisas brasileiras. Eu era a pessoa certa, no lugar certo, na hora certa. Quer dizer, eu fazia línguas; tinha familiaridade com o noticiário internacional; tinha um interesse, eu própria lia, como eu tinha interesse já em Ciências Sociais e era uma coisa que já vinha desde antes, eu já me orientava numa certa direção; eu já tinha as minhas leituras; eu contatava professores para perguntar: "me orienta aqui no que ler." Esse conhecimento autodidata foi muito interessante para mim, muito melhor que a faculdade, porque as faculdades que eu fiz pela metade pouco me serviam. Eu podia dar aula ali... Eu podia ensinar vários professores que eu via que não conheciam a profissão e nem tinham base. Eu fui fazendo essa minha base. Essa base foi o que inicialmente me qualificou como a pessoa que estava ali disposta a voar pelo mundo. Eu era jovem, acho que não tinha outra pessoa naquele momento, ou pelo menos não tinha outra pessoa que fosse tão preparada. E fomos. Aí começaram os aprendizados; fazendo e aprendendo: o aprendizado com o satélite, como é que faz, como é que reserva,

porque além da gente fazer a matéria – escrever, editar e tal – também tinha que ver esse lado; tinha que falar com o Brasil para ver que horas pode, que horas não pode, e combinar com a televisão para ver que horas pode gerar, que horas não pode gerar... Realmente, eu vivia 24 horas, porque não sobrava tempo para mais nada, mais nada.

Você falou que você e o Orlando já sabiam que iam para a Europa, não é?

Isso.

Quer dizer, a TV Globo tinha já o projeto, o escritório. Então, conta qual era a idéia.

A idéia... Primeiro não se sabia se o escritório ia ser em Genebra, porque havia uma base d'O *Globo* na Europa, que era do Janus Lengel, que foi correspondente muitos anos, já falecido também o Janus. Genebra é uma cidade muito central, favorece o deslocamento para qualquer lugar na Europa, para as principais cidades. Essa era uma opção. Depois, se considerou Londres, por causa da televisão inglesa, que é a melhor televisão do mundo, já era naquela época, e com muitas facilidades operacionais. Como centro de televisão, era melhor do que Genebra. Então, finalmente escolheu-se Londres como a base para a equipe que ia cobrir televisão. Havia um acordo entre a *Globo* e o que era o *UPATN*, que mudou de nome, teve vários nomes e hoje chama-se *APTN* [Associated Press Television News], que era Agência ligada a *United Press*, era um casamento entre a *UPI* e a *ATN*. A *ATN* era a televisão independente inglesa, vamos dizer: era o centro de notícias para as televisões independentes. E o *UPATN* funcionava na *ATN House*, que era o prédio da *ATN*, onde nós fomos trabalhar. Nossa base era na *UPATN* e lá a gente sentava e escrevia, editava matérias. No início, ainda era filme, editávamos e gerávamos da *UPATN* para o Brasil. E, da *UPATN*, diariamente geravam-se dois pacotes de notícias internacionais através da *Eurovisão*, que era a operadora europeia que coordenava o envio de material de todas as emissoras. Todo dia havia reuniões na *Eurovisão*, cuja sede é em Bruxelas, em que as empresas, as televisões – a *BBC*, a *ATN*, a televisão italiana, espanhola, francesa, alemã, etc – se reuniam duas horas por dia para trocar informações sobre o que elas tinham a oferecer à *Eurovisão* para que outros canais usassem o material. Então, a televisão inglesa vendia seu noticiário para outras emissoras; a França, para todas as emissoras. E a *Globo* tinha – a *TV Tupi* também tinha isso – acordos operacionais com a *Eurovisão* e, no caso da *Globo*, com a *UPATN* também, através do qual se fazia a geração de material pelas emissões da *Eurovisão* e pela *UPATN* diretamente. No final do bloco do noticiário das televisões europeias, entravam os nossos – a gente tinha cinco, dez minutos –

e dali a gente podia gerar o material quando fosse o caso. Havia material que era mandado por avião também, mas era mais seguro gerar.

Você mandava material todo dia?

Em certas situações, todo dia. Em Portugal, era diariamente. Em Portugal, já gerava da televisão portuguesa para o Brasil, direto, porque nós ainda não estávamos no escritório da *Globo* - ficamos itinerantes uns seis meses, até que finalmente fomos a Londres. Ficamos itinerantes por conta dos fatos: Portugal, depois Espanha, depois França, o plebiscito do aborto na Itália; até que, finalmente, pousamos em Londres. Aí entrou em ação mais diariamente esse esquema de transmissão. Mas, então, a gente gerava de Portugal, gerava da televisão espanhola, geramos da televisão italiana, gerávamos da televisão francesa, gerávamos da televisão alemã, por satélite, ainda filme. Essa operação era muito trabalhosa.

Conta um pouco mais sobre essas primeiras matérias que vocês ficaram fazendo na Europa, nesses seis meses itinerantes.

Primeiro teve muita coisa em Portugal, depois, houve eleições na França. Houve plebiscito sobre aborto, na Itália. Depois, houve a morte do Franco (eu acho que a gente já estava em Londres, mas ficamos muito tempo em Madri até o homem morrer, ele estava nas últimas, ele estava semimorto meses). Houve vários episódios assim, e também apareceram umas matérias para o *Fantástico*, coisas que a gente foi fazendo, que eu não me lembro exatamente. Até que, finalmente, nos estabelecemos em Londres. Ah, sim! Fizemos - até voltamos para o Brasil nesse ínterim - o primeiro vôo do Concorde, ligando Paris e Rio de Janeiro. Ficamos aqui o tempo de arrumarmos a mala e fomos para Nova Iorque, onde já existia um escritório da *Globo*, que era operacionalmente ao qual nós nos reportávamos quando estávamos em Londres. Nossas diárias, nossos salários vinham de Nova Iorque. Então, mensalmente, a gente mandava relatórios e eles mandavam a verba. A operação da televisão - gerar, editar e transmitir - isso era parte do acordo.

Esse escritório de Nova Iorque já existia quando você foi para a Europa?

Já. Esse escritório de Nova Iorque existia, porque o Hélio Costa já estava lá fazendo matérias para o *Fantástico*. Eventualmente fazia matérias jornalísticas, o fato do dia.

Quanto tempo você ficou em Londres?

Dez anos.

Nesse tempo, quais foram as matérias mais marcantes?

É difícil. Às vezes, eu tenho que ficar pensando. Bom, Portugal sem dúvida nenhuma. Portugal, tudo. Acho que tudo que foi feito ali foi marcante: o início, o decorrer, a eleição do Ramalho Eanes para presidente; a morte do Franco também foi importante. Política, que eram os assuntos ligados à Guerra Fria, aos acordos entre os Estados Unidos e a União Soviética, que possibilitaram que o mundo não explodisse. Era um assunto mais árido, político, mas foi esse equilíbrio que possibilitou uma paz mais prolongada, porque sem aquilo, pegava fogo, porque os dois países tinham arsenais gigantescos, impérios fabulosos – e eram impérios fabulosos – e esse período dessas negociações e assinatura dos acordos SALT [Strategic Arms Limitation Talks], isso foi muito interessante também. Houve várias matérias para o *Fantástico*, que eram matérias humanas.

Havia dificuldades para uma emissora brasileira de conseguir chegar às grandes personalidades daquele cenário político? Como era a sua situação ali?

Havia. Muita gente estranhava a nossa presença quando nós estávamos em eventos que eram públicos e que estava todo mundo. [Por exemplo] Acordos SALT, em Viena. Quando eles olhavam pra gente diziam: “Televisão do Brasil, do Brasil. Puxa, e você é tão jovem.” Porque não existia aquilo; nenhuma televisão do mundo tinha um correspondente tão jovem, porque isso era uma atividade a ser feita por um jornalista mais experiente, que tivesse mais estrada. Então, nós causávamos espécie, em várias situações, pela simples presença. E quando eles viam que a gente conseguia fazer, que saía uma coisa direita, eles ficavam mais surpresos. Na Inglaterra, em várias vezes, na televisão, gerando material para o Brasil, eles diziam: “Puxa vocês...” Eles não entendiam a língua, mas eles podiam ver que um evento aconteceu, que era um evento internacional, uma grande bomba explodiu na Harrods, a gente cobria, porque era um assunto, e eles também tinham coberto, porque era assunto deles, eles olhavam e diziam: “Puxa, interessante.” Eles viam que a gente fazia e que não era muito diferente do que eles faziam, que a gente conseguia fazer uma coisa que tinha uma certa qualidade. Isso era interessante. Mas chegar a essas personalidades era difícil, eles não davam entrevista fácil não. Porque o Brasil, quer dizer, não só a televisão brasileira era desconhecida, o Brasil era desconhecido. Ainda não é muito conhecido, é mais conhecido do que era. Mas, naquela época... E aqui havia ditadura. Uma vez - estou me lembrando claramente - eu fui ouvir um combatente da resistência francesa; era aniversário da libertação

da França, dos nazistas, e a gente tava fazendo uma matéria sobre esse assunto, eu ouvi várias pessoas. Aí, eu fui ouvir um combatente comunista, que depois entrou para o Partido Comunista, era um membro da resistência. Quando ele viu que era para uma televisão brasileira, ele disse: "Olha, vocês me desculpem, eu acho que eu não estava bem informado, eu achei que fosse para a televisão portuguesa. Mas, para a televisão brasileira eu não vou dar entrevista não. Não vou dar entrevista, porque vocês têm lá um regime que vai contra tudo que eu lutei e eu iria dar uma entrevista como representante dessa luta. Então, não me interessa." Até tentei argumentar com ele: "Olha, mas justamente porque o senhor é um representante dessa luta é que seria bom o senhor falar nesta matéria, porque quem está governando são os militares, não é a população." Mas ele não quis de jeito nenhum. Ele associou o governo à empresa, e muita gente fazia isso: "ah, é do Brasil, tem a ditadura". Era um ônus; era como se nós fossemos os representantes do Brasil naquele momento. Eu me sentia assim. As pessoas perguntavam: "Mas o que tem lá? Como é?" Outros jornalistas: "Como é a coisa?" Era como se eu representasse o país. O que não tem nada a ver, justamente porque o país era desconhecido. Mas quem era de imprensa, na França, principalmente, conhecia *O Globo*, já tinham ouvido falar n'*O Globo* como um jornal conservador. "A TV *Globo* é a mesma coisa" Então, eu acabava tendo que me explicar, por ser brasileira e por estar num veículo brasileiro. Isso era chato, mas, eu me explicava.

Foi possível conseguir algumas exclusivas com personalidades? Tem alguma coisa que te marcou especialmente?

Olha, não. Com personalidades como presidentes, não.

Era difícil isso?

Primeiro ministro inglês, presidente da França, presidente da Itália, isso era muito difícil. Eventualmente, a gente ouvia. A gente podia ouvir intelectuais. Eu ouvi o Michel Foucault, por exemplo. Eu ouvi várias pessoas ligadas a instituições importantes na Inglaterra, o Instituto de Estudos Estratégicos, Royal Academy of International Affairs, essas pessoas nos davam entrevista. Já é diferente, porque até têm um olhar sobre o país e estudam o país. Professores, gente de Oxford, de Cambridge. Isso não era muito problemático não, mas as pessoas oficiais eram difíceis.

Como vocês procediam? Por exemplo, quando acontecia algo bastante chocante, como foi o assassinato Aldo Moro, como era o procedimento? Vocês podiam ir para a Itália acompanhar?

A gente falava com o Rio e o Rio dizia: "Olha, isso nos interessa; então, vocês vão para Roma." Aí a gente chegava em Roma, tinha o escritório da *UPATN* em Roma, e a gente trabalhava com a ajuda deles. Eles tinham dois ótimos cinegrafistas na época, que eram produtores também, e eles nos ajudavam bastante, porque Roma já é uma cidade mais complicada para se trabalhar do que Londres ou Paris: as relações são mais personalizadas. Então, para ir na televisão gerar, a gente ia com uma pessoa, um dos cinegrafistas da *UPATN*, que era italiano e que conhecia todo mundo. Ele ia abrindo caminhos, porque a *RAI* era uma burocracia impressionante, ao contrário da televisão inglesa. É assim o país. Então, você chegando no país, você dança de acordo com a música! Então era muito importante esse suporte ali, esse apoio local era muito importante. Então, eu gerei da *RAI* muitas vezes e com vários eventos, porque tinha atentados terroristas, volta e meia. Tiveram vários atentados terroristas e juízes assassinados e episódios ligados a outras matérias. Véspera de Copa do Mundo, essas coisas que a gente precisava...

Atentado contra o Papa, você estava lá?

O atentado contra João Paulo II? Não. Eu estava na morte do antecessor, João Paulo I, que durou pouquíssimo e morreu em circunstância até um pouco misteriosas, porque mal assumiu, meses depois, morreu. Mas, o atentado contra o João Paulo II, não. Mas havia outras coisas. Volta e meia tinha coisas ligadas ao Vaticano. Teve do Aloísio Lorscheider, por exemplo, quando foi nomeado Cardeal, nós fizemos. E aí, era transmissão da *RAI*.

Você pegou uma época muito interessante na Europa, não é?

É. Eu peguei uma época de mudanças. Primeiro, o fim das ditaduras em Portugal e Espanha, o que sinalizava uma coisa muito forte para o Brasil e para quem estava aqui: "é possível! Essas coisas não duram para sempre. Aquelas que eram muito piores acabaram". Sinalizava para o Brasil, sinalizava para a América do Sul: Chile, Argentina, Uruguai, tudo era caótico. Fora isso, essas gestões para paz entre as superpotências eram muito interessantes; o papado do Paulo VI, que foi um Papa renovador e que abriu espaço para a igreja latino-americana, nomeou cardeais brasileiros, entre eles Dom Aloísio Lorscheider, que é uma figura maravilhosa. Eu fiz a a cerimônia de nomeação dele, a gente gerou para o Brasil. E na Itália também, a Itália, por exemplo, houve plebiscito contra o aborto. O aborto era uma questão ainda maior do que é hoje; naquela época, nesse país muito católico.

Mudanças na França também: com reforço da direita francesa no poder, com o governo do Giscard d'Estaing, era um período de... Ao mesmo tempo que tinha... O Greenpeace surgiu com muita força. O Greenpeace com seus barcos interrompendo navios, com carregamentos disso e daquilo, no mar, era muito interessante. O desenvolvimento de ONGs começou muito fortemente naquela época. Na Inglaterra havia uma coisa muito interessante socialmente que era o movimento *Punk*. O movimento *Punk* tirou os pobres da periferia e os trouxe para a manchete dos jornais. Naquele país fortemente classista, onde se dizia "cada um sabe o seu lugar", surgia um movimento de jovens desfavorecidos, morando nos piores bairros, que fizeram uma cultura popular muito rica e que se misturou à cultura estabelecida e gerou outros produtos culturais. Culturalmente havia essa vertente na Inglaterra que era muito interessante. Na época também que eu estava em Londres, havia a guerra na Irlanda, mas eu achava que a guerra na Irlanda não era tão interessante do nosso ponto de vista, porque nós estávamos, estamos muito longe daquele tipo de situação. Mas a gente cobria quando tinha um grande evento, que normalmente era uma grande explosão, uma grande matança no *pub*, na [loja] Harrods ou coisa que o valha. Eu fazia também, por exemplo, Fórmula 1. Cobri as coisas que aconteciam, corridas aos domingos, por exemplo, em Londres, em Silverstone, na Inglaterra. Eu estava de plantão, cobria. Entrevistei o Senna, o Piquet, o Fittipaldi. Esporte nunca foi muito a minha praia, mas ali eu fazia, porque tinha o interesse jornalístico, que era o fato, o fato do dia.

E Oriente Médio?

O Oriente Médio eu cobri também, sempre tendo Londres como base. Eleições, mais de uma eleição. E o Oriente Médio passou a ser importante para o mundo inteiro, por ser o barril de pólvora e por juntar interesses tão contundentes. A questão árabe-judaica virou uma questão do mundo todo, porque o mundo passou a torcer - ou torce por um lado ou torce por outro -, e tem ali, também, uma forte investida das potências, então a gente cobria também. Eu cobri conferências do petróleo, também no Oriente Médio; no Japão, eu fiz a visita do Geisel e depois, fui uma segunda vez ao Japão, a convite do governo japonês - mas aí já nem foi tão interessante, porque só se podia fazer o que os japoneses queriam. Eles trabalham assim, tinham uma agenda muito fechada, então, não foi muito bom esse trabalho, não deu muito certo, e no final, por incrível que pareça, as fitas, os filmes que foram revelados em Tóquio foram revelados com problema, todo o material ficou manchado. Eu não sei se é por que uma coisa casou com a outra: a dificuldade do trabalho, o fato de o trabalho ter sido chato desembocou nesse acidente das fitas. Nada se salvou daquilo, nada. Dali fomos para a Tailândia, porque, na época, havia

refugiados cambojanos na fronteira da Tailândia com o Camboja. Então, os campos tinham malária, ainda eram controlados por guerrilheiros, e isso foi um trabalho muito legal, foi bem interessante.

Nessas situações, que cuidados você tinha que ter? Um lugar em que tem guerrilha acontecendo, por exemplo, quais eram as condições para se entrar numa situação dessas?

Nessa, especificamente, da Tailândia, a gente entrou pela ONU. Fomos para o campo das Nações Unidas e os guerrilheiros, nessa altura, não ofereciam muito perigo físico. Eles controlavam os campos, porque a ONU oferecia os médicos e recursos, mas eles não podiam controlar os grupos guerrilheiros socialmente. Quem controlava socialmente os campos eram os guerrilheiros, mas os guerrilheiros que nós encontramos ali eram já uma sobra, um resto de guerrilheiros e muita gente bêbada, muitos bêbados, o que mostrava a deterioração da situação. E todo mundo estava fugindo da incursão vietnamita sobre o Camboja. Essas matérias que nós fizemos ali foram interessantes, mas eu acho que não deve ter mais nada disso, porque foi em filme. A revolução portuguesa toda foi em filme. Espanha, essas coisas, infelizmente eu acho que se perderam. Foram em filmes, que depois foram passados para teipes, porque quando eram gerados passavam para teipes. Mas com o incêndio que teve na Globo, eu não me lembro que ano foi.

1977.

O incêndio lambeu tudo isso. É uma pena. Lambeu essa memória, lambeu a memória do Brasil, imagina. Imagens de tudo, década de 1960, 1968, 1969, tudo que se tinha feito.

Quando começa a ter o ao vivo lá da Europa?

Da Europa a gente não fazia muito ao vivo não.

Por que? Ainda não tinha, ainda não era possível fazer?

Tecnicamente seria possível, mas não era tão simples. O que eu fiz várias vezes com matérias, quando não dava tempo de mixar o áudio com a imagem, então, na hora da geração, eu gravava o *off* ao vivo, em cima da imagem. A gente escrevia medindo mais ou menos o tempo do áudio para caber com a imagem. Isso era uma operação de altíssimo risco, mas acabava dando certo, porque às vezes, ficávamos à mercê dos horários de satélite, então, os horários ficavam apertadíssimos; não dava tempo de finalizar a edição. E gerava-se, e eu fazia o texto e, na hora, ia acompanhando em cima das imagens. Isso era ao vivo, mas, enfim, não entrava no

ar ao vivo. Não estava tão disseminado o ao vivo naquela época quanto está hoje; não havia essa cultura ainda. Talvez porque as facilidades fossem menores, em menor escala.

Qual foi o maior “apuro” que você passou nessa época?

Passei muitos apuros. Os maiores apuros nas situações em que estava tudo acontecendo era ter que fazer a matéria, escrever e fazer a coordenação. Era garantir que a matéria poderia entrar no ar naquele dia, porque não adianta você ter uma matéria maravilhosa que não entra no ar. Sua matéria maravilhosa só é maravilhosa se ela foi ao ar, porque, no dia seguinte, ela está velha. Numa situação em que o evento se estende por vários dias, o episódio tem várias ramificações e todo dia uma novidade se produz, porque tudo está mudando, aí, o que você fez hoje tem que ir ao ar hoje. Como em Portugal. Portugal era direto isso: uma confusão, era uma dor de cabeça, e aí a gente mandava e não chegava direito; eles aqui reclamavam e a gente lá se explicava, e a coordenação não era ainda boa entre a gente e eles, tudo era ainda mais verde. Isso era muito complicado. E também a gente tinha que ir de um lugar para outro. Em situações emergenciais, você tem que pegar um avião correndo, aí vai, não tem vôo, e como faz para ir pegar o vôo? A gente tinha que fazer muitas coisas ao mesmo tempo, porque nós não tínhamos um produtor, éramos o Orlando e eu para fazer todas essas coisas. Então, era realmente, era muito complicado. Às vezes a gente dormia muito pouco, três, quatro horas por noite, porque não dava tempo de fazer tudo, de cumprir tudo. E era assim, porque aquilo era ou pegar ou largar, então, já que nós pegamos, tinha que ser feito daquele jeito. Eu via as outras televisões, puxa! Os americanos, por exemplo, tinham um batalhão de gente. Em certas coberturas, havia tanta gente que eles se falavam por *walk talk*. O produtor, o repórter. Era coisa do outro mundo. Claro que nós não poderíamos comparar a estrutura da TV americana com a nossa, nem com a de ninguém. Eles eram milhardários e já muito implantados nessas coberturas. Os ingleses também. Os ingleses não tinham tantos exageros como os americanos, mas também tinham estrutura e experiência. E, com frequência, mandavam matérias de locais que ficam mais próximos de suas bases. Nós estávamos mandando para o outro lado do mundo. Mas, ao mesmo tempo, foi muito interessante, porque fomos nós que viabilizamos isso. Nós é que fizemos isso dar certo, isso foi muito legal. Foi a partir da nossa experiência que o escritório foi crescendo, que Nova Iorque foi crescendo, que as coisas foram melhorando. Sei lá, acho que o pessoal aqui viu que aquilo tinha um peso, que era importante manter brasileiros falando sobre outros países para outros brasileiros. Mas havia muitos problemas; muitos problemas operacionais, muitos.

A pauta dos telejornais certamente era construída em função dos acontecimentos políticos. E as matérias que vocês faziam para o *Fantástico*, como era? Vocês propunham coisas?

Eles propunham muito; a gente, eventualmente, propunha também. Mas eles propunham, porque o *Fantástico*, por exemplo, tem seus caminhos e é um programa que mudou muito ao longo do tempo, então não era qualquer coisa que podia caber. Na época do José Itamar de Freitas, que era o dono do *Fantástico*, o José Itamar propunha várias coisas. Por exemplo, nós fomos entrevistar o Maharishi Mahesh Yogi na Suíça. Ele ocupava uma casa em que ele recebia jovens do mundo inteiro, muitos jovens americanos ricos estavam lá. Olhando hoje para trás, aquilo era uma coisa muito doida, mas eu não tive essa percepção e fiz uma entrevista com o Maharishi e aqueles jovens, prestando culto. Mas não era uma matéria crítica como poderia ter sido. Eu não tive esse olhar, eu estava preocupada em fazer a matéria que eles pediram, mas eu acho que essa matéria valia um sal, porque era muito doido: um indiano vestido de pobre, tecnicamente pobre, numa casa que valia milhões na Suíça, com todos aqueles jovens ricos em volta. Tinha uma coisa ali, um lado do comportamento jovem que se revelava, porque principalmente os jovens americanos e uma parte dos europeus procuravam no Oriente a satisfação espiritual, emocional. Isso começou com os Beatles, mas eu não tive esse *fair play* ali para fazer, não tive. Olhando para trás, eu lamentei. Bom, a gente erra, não é.

Acontece na Inglaterra, nessa época, um fato científico que mobilizou muito, e eu lembro que o *Fantástico* noticiou muito, que foi o nascimento do primeiro bebê de proveta. Você cobriu isso? Conta como foi.

Foi interessante, mas foi mais interessante ter voltado ao assunto recentemente. Naquela época, o assunto ainda era coberto um viés de preconceito, porque aquilo parecia uma coisa que mexia com Deus, a vontade divina, então, o assunto chegou às manchetes com um tom de escândalo - coisa que não é, é uma coisa sensacional. Foi até mais interessante voltar a esse assunto há alguns anos atrás: fui fazer uma matéria especial para o *JN* e entrevistei um dos médicos que participou, eu entrevistei o Robert Edward, o Patrick Steptoe já tinha morrido. Foi mais interessante voltar ao assunto já com uma outra visão. Hoje a gente tem a dimensão maior disso, ou - eu não sei - na época eu estava mais voltada para outro tipo de assunto, eu tinha uma cabeça mais política, estava mais interessada nos fenômenos de desdobramentos políticos e socioeconômicos do que esse tipo de assunto que hoje me interessa enormemente. Então, eu não tive a noção que eu

tenho hoje, talvez, de que aquilo era uma revolução completa. Quer dizer, eu fiz a matéria, mas dentro de mim aquilo ainda era um assunto menor do que outros assuntos. Era um assunto menor do que Portugal, do que a morte do Franco...

Como era para conseguir informação? Você tinha dificuldades?

É... Houve uma briga dos jornais locais: o *Mirror*, o *Evening Standard*. Sempre que tem um grande assunto, aqueles periódicos saem logo à frente para comprar os direitos, direitos de reprodução da foto, só eles podiam entrevistar a família... Então, a gente noticiava o assunto e reproduzia aquilo que estava liberado.

Sandra, a história do *Fantástico* é marcada por reportagens que ficaram na memória coletiva. Eu lembro do "menino da bolha", que o Hélio Costa fez nos Estados Unidos; o bebê de proveta... Havia alguma orientação sobre o tom das matérias, a forma de construí-las, o tom emocional, alguma orientação vinda da direção do *Fantástico* no tratamento desses temas?

Acho que a idéia era fazer uma coisa com mais apelo. E eles próprios, na edição, eu acho que adicionavam esse apelo, mas cada pessoa tem um estilo. Então, eu, por estilo, não podia inventar a cura do câncer toda semana, porque, para mim, não serve esse tipo de coisa. Então, eu fazia as matérias do meu jeito, como eu achava, e mandava para eles. E eles editavam como achavam melhor. Nos Estados Unidos é que tinha muito essas coisas de assunto de saúde, porque os americanos têm muito dessas coisas. O menor indício de descoberta logo vira uma manchete, o que eu acho que não é necessariamente bom. Acho que isso confunde a cabeça das pessoas e depois as pessoas percebem que isso não é verdade, cria falsas esperanças, então, felizmente, eu não estava nos Estados Unidos, porque eu provavelmente não ia gostar de fazer ciência dessa forma, hoje eu gosto muito do assunto científico, mas a gente já pode tratá-lo de outro jeito. Mas havia matérias leves: como que era andar de Rolls-Royce? Tinha umas coisas assim, de curiosidade. Depois, tinha uma matéria sobre a sócia da rainha, uma senhora - não sei se ela é viva ainda - e ela se apresentava como sócia da rainha em eventos. Enfim, uma coisa que fosse leve para um domingo e tivesse um caráter curioso. Fora isso, havia as atualidades: o Ayrton Senna, que ganhou em Silverstone; o Piquet, que ganhou não sei aonde; uma entrevista na casa do Fittipaldi morando na Inglaterra; a pianista brasileira que vive em Londres, Cristina Ortiz; ou um grupo pop que faz sucesso - não era o ABBA, era um grupo semelhante ao ABBA, muito pior, enfim, que a gente fez para o *Fantástico*. As atualidades, como o próprio nome diz, era o que estava acontecendo, independia da linha do programa.

Sandra, quem era a sua interlocução aqui no Brasil para discutir as pautas para os telejornais, para o *Fantástico*... Como é que funcionava? Quem encabeçava isso nessa época?

Não havia uma pessoa especialmente. No início, não tinha ninguém, você só falava com o Luiz Carlos Sá, que era o coordenador de operação e que recebia o material, o material ia para o editor, muito ocasionalmente eu falava com os editores. Como era uma coisa nova, não havia ainda um centro de produção de notícias como tem hoje, então ia uma coisa de lá, outra coisa de cá, as vezes um editor ligava e pedia: "Sandra, manda um *off* sobre o assunto tal, que a gente está querendo". Nos acontecimentos que eram óbvios, claro, a gente fazia e mandava pelo coordenador, mas não tinha uma linha editorial " vamos por esse lado ou vamos por aqui". Essa discussão não era amadurecida, passou a ser depois, com o tempo, quando o Carlos Castilho foi ser chefe do escritório em Londres. Aí isso começou um pouco mais, foi amadurecendo à medida que a operação amadurecia.

Você lembrou da visita do Geisel. É uma época em que vão acontecer questões importantes para o Brasil na Europa, como a questão dos acordos nucleares.

Foram feitos durante a visita do Geisel.

E era um assunto estratégico para um governo da ditadura. Em que medida você podia, de fato, apurar e até ter uma visão crítica desse assunto?

A gente fez a nossa cobertura factual. Nós não entramos na discussão, eu pelo menos que estava fazendo a reportagem. Eu não sei se no Brasil, por Brasília, outras pessoas entraram no mérito. Nós fizemos a factual: a assinatura do acordo e outras. Era sempre assim: visitas oficiais, a gente cobria o fato e não cabia a nós - nem se esperava de nós - uma crítica, nem observação. Era o fato. "O quê que aconteceu? O que era o acordo?" O programa nuclear brasileiro é uma coisa muito complicada, que já precedia esse acordo. Desde o início, as gestões com a Westinghouse, várias coisas não deram certo. O programa nuclear brasileiro começou muito atabalhoadamente e ainda está se ajustando, você vê toda questão ligada a Angra III...

Mas isso porque era um assunto sujeito a censura?

Não, isso porque a orientação para mim nessas situações era cobrir o fato: "hoje o Geisel fez isso, aquilo, aquilo outro". A orientação era essa. No Brasil, eu não sei realmente como a televisão tratou isso, porque esse era um outro problema que a gente tinha, nós não tínhamos o *feedback* do que entrava, nem sempre. E porque

também estava todo mundo muito ocupado o tempo todo. Eu não sei também como a imprensa escrita tratou esse assunto. Provavelmente, a imprensa escrita entrou mais na questão do acordo nuclear em si, do programa nuclear brasileiro.

Você têm um período ainda na Europa, mas fora da YV Globo. O que você fez nesse período?

Eu trabalhei na *TV Manchete*, no primeiro ano da *TV Manchete*. Deu para fazer umas coisas interessantes, embora a *TV Manchete* fosse muito desorganizada, mas dava para fazer. Volta e meia a gente fazia umas matérias especiais, matérias mais longas, porque o jornal era mais longo. Aí depois acabou o escritório da *TV Manchete* e eu aí fui fazer um curso universitário, de Ciências Sociais, que era o que eu originalmente queria fazer. Eu era residente em Londres e podia me candidatar a ter uma bolsa, para o que eles chamam de *mandatory grant*, que é uma bolsa para fazer uma graduação: uma primeira graduação, você tinha direito a ter bolsa. E aí eu me candidatei, passei, escolhi algumas escolas, me candidatei e fui aprovada. Aí escolhi a escola que eu queria e recebi a bolsa de uma instituição chamada ILEA, Inner London Education Authority, que é uma espécie de Secretaria de Educação de Londres; e isso foi muito interessante. Nessa fase, simultaneamente ao estudo, eu fazia muito frila na *BBC* rádio, que eu já fazia quando estava na *Globo*, porque não era incompatível. No serviço brasileiro de rádio da *BBC*. Lá tinham coisas interessantes, uns debates interessantes, eu podia sair e fazer matérias, por exemplo, até ocasionalmente. Eu me lembro que fui fazer uma matéria com o Dom Hélder, que estava em Londres. Isso foi ar no noticiário da *BBC Brasil* aquele dia. Toda semana tinha um debate, do qual eu também, volta e meia, participava. Isso foi bem legal. Em Londres, estava o jornalista Hermano Alves, que tinha sido político no Brasil - não sei do seu paradeiro, nunca mais ouvir falar do Hermano - ele era um homem muito inteligente e trabalhava para o *Estadão* e conhecia muito bem Portugal e acompanhou muito a Revolução dos Cravos também. E como tinha sido político, ele gostava da vida política, da política nacional, conhecia a Inglaterra também muito bem, então ele colaborava também com a *BBC* enquanto colaborador do *Estadão* em Londres. Havia gente da *Folha*. Como era o serviço brasileiro de jornalismo, tinham vários jornalistas que passavam. Eu sempre fui frila, porque os jornalistas contratados eram escolhidos aqui no Brasil. Veio do *Estadão* a Beth Vieira que hoje é tradutora no Brasil, traduz muita coisa para a [editora] Companhia das Letras. A Beth Vieira foi minha contemporânea lá, depois foi José Carlos Santana, do *Estadão*; Maia Santana, ambos são meus amigos, eram do *Estadão* também; José Carlos foi correspondente do *Estadão* em Londres, depois trabalharam na *BBC* também. Tinha uma tradição

na *BBC* de trazer gente boa. Isso foi bem legal e isso me dava uma grana por fora - eu ganhava por tarefa -, ganhei um bom dinheiro na *BBC*, porque eu fiz tanto, que até o pessoal da *BBC* dizia assim: "Sandra, você acaba ganhando mais do que nós que estamos aqui todo dia." Porque você como frila, dependendo da situação, você pode até ganhar mais que o funcionário fixo. Isso foi uma experiência boa, porque rádio era bem legal, embora tivesse essa conotação de ser a Inglaterra falando para o mundo, mas tinha uma audiência boa o programa também. O Ivan Lessa trabalhava - trabalha até hoje lá - na *BBC*, escrevendo crônicas, programa de cartas que também ele fazia, era bem legal. E volta e meia eu fazia um frila numa produtora inglesa. Entrevistava para matérias ou para documentários eventualmente também. Eu entrava naquela equipe, era uma boa experiência, porque eu via como outras televisões trabalhavam, como as pessoas de outros países trabalhavam. Uma época eu fiz umas colaborações para o *Jornal de Brasília*. (Eu sou, curiosamente, de uma geração de jornalistas que não se formou na imprensa escrita). Eu sempre achei que isso era uma lacuna na formação do jornalista, porque, na minha cabeça, jornalista tinha que passar pela imprensa escrita até para desenvolver o texto e por ser um meio muito diferente. Naquela época, era o meio predominante. Nós não tínhamos modelos de jornalismo na televisão no Brasil quando eu comecei. Havia outras emissoras que estavam infelizmente em declínio. A *TV Tupi*, *TV Bandeirantes*, que ainda era mais ou menos, mas começou a declinar. Então, eu não tinha modelos. Meus modelos eram os jornalistas que eu lia no jornal, enfim, os jornais que eu lia, eventualmente coisas de televisão que chegavam na redação. Na minha geração ainda teve gente que migrou do jornal para a televisão. Hoje, você tem uma geração só de televisão. Eu não sei se é necessariamente melhor ou pior. Eu convivi, na profissão, com a última boa geração de jornalismo escrito, que é da grande geração do Armando Nogueira, Luiz Edgar de Andrade, Luiz Lobo, Narciso Kalili, com quem eu trabalhei também na televisão, gente que fez jornal, gente que fez a revista *Realidade*. Reynaldo Jardim. Eu entrei naquela fronteira ali, já tinha gente começando a passar da imprensa escrita para a televisiva. A geração de televisão era pequena ainda. Por exemplo, o Amauri Monteiro, que era o chefe de reportagem, veio do *Canal 13*. Tinha umas pessoas que já estavam na televisão, mas que vieram da *Última Hora* ou também da imprensa escrita. Eu já comecei, por acaso, na imprensa televisiva. Os colegas da imprensa escrita falavam: "Mas na televisão não se escreve". Bom, em primeiro lugar: se escreve na televisão e escreve-se de uma outra maneira; é muito mais complicado escrever para a televisão do que escrever para a imprensa escrita. É infinitamente mais difícil, porque o tempo é menor e você tem que ter tudo aquilo você tem no jornal num tempo muito menor. Você tem que ter

concisão, objetividade, clareza, transparência e estilo, de preferência. Fazer essas coisas todas juntas em um, dois, três, cinco minutos, é muito difícil. Então, eu fui, com o tempo, amadurecendo essa idéia. Quando as pessoas, no início, diziam que na televisão não se escreve, eu ainda não tinha uma resposta, porque eu estava aprendendo. Depois eu tive a resposta, que é essa. E escreve-se tão bem ou tão mal num veículo como em outro veículo. Eu acho que talvez a diferença é que, no jornal, você tem um pouco mais de tempo para amadurecer certas idéias do que na televisão. Na revista nem se fala! Mas mesmo na imprensa escrita, você hoje tem menos tempo, imprensa escrita foi ficando mais concisa, mais objetiva, e foi ficando de certa forma mais parecida com a televisão nesse sentido, porque ela tem que atender a um leitor que tem mais pressa, que quer ler tudo mais rapidamente e quer tudo no lide, no primeiro parágrafo. O próprio tempo também impôs à imprensa escrita o desafio que a televisão já conhecia, já enfrentava e continua enfrentando. Agora, com a internet é que vai enfrentar mesmo. Quem está na imprensa escrita e está na internet sabe dessa complexidade. Mas eu, no início, tinha uma inveja danada desse pessoal que eu li no jornal, coisas maravilhosas de grandes repórteres como Narciso Kalili, Luiz Lobo, Ricardo Kotscho, que foi um excelente repórter de jornal. Depois eu fui perdendo a inveja e foi ficando só a admiração que eu tinha e que continuo a ter. Mas escrever é sempre um desafio extraordinário em qualquer formato. E a televisão - não é por ser audiovisual -, por ser mais, vamos dizer, "conversada" do que outras formas de imprensa, nem por isso ela é menos escrita. O texto é absolutamente crucial, mesmo quando ele é conversado. O Armando [Nogueira] tem um texto brilhante, fala igual escreve, uma proeza, porque, normalmente, a gente fala de um jeito e escreve de outro, mas ele tem essa qualidade.

Quando você decidiu voltar para o Brasil e por que voltou?

Foi em 1984, início de 1985. Bom, a *TV Manchete* acabou, eu já tinha feito a faculdade, minha vida pessoal tinha mudado, eu tinha casado e tinha me separado, estava me encaminhando para viver uma outra vida. E eu falei: "é agora". Eu havia chegado naquele ponto crucial em que ou eu ficava de vez ou eu voltava, porque eu já estava muito tempo fora e precisava tomar uma decisão. Eu falei: "pode ser até que eu queira voltar novamente para cá, mas eu não vou tomar essa decisão sem ter experimentado voltar ao Brasil". E como eu acho que as coisas me encaminhavam pra cá, eu vim para cá e não mais voltei a morar fora do Brasil, embora eu viaje sempre e tenha conhecido inúmeros outros países que eu não conheci quando estava lá. Eu não só voltei aos que conhecia como conheci outros que eu ainda não conhecia, mas eu acho que essa é uma decisão que se impôs

para mim naquele momento, quer dizer, eu não era inglesa, eu não queria necessariamente virar inglesa, eu gostei muito de ter morado em Londres, para mim foi um ganho pessoal, de vida, profissional, em todos os sentidos, mas nunca pensei ser inglesa. Então falei: "está na hora de voltar". E a volta é um choque maior do que a ida, porque quando você vai para um país novo e você não conhece nada ainda, você é como uma página em branco, você tem tudo a escrever naquela página. Mas na volta você já está voltando para um lugar que você conhecia, você está voltando para os problemas daquele país, sendo que você já conheceu alguma coisa melhor do que várias daquelas coisas que você vai voltar a encontrar, então aí vem o choque. O choque inicial foi inevitável, aquilo que nunca funcionou e continuava sem funcionar, aquilo que não funcionava e piorou, até aquilo que funcionava mal e passou a funcionar bem, da maneira de viver, de se relacionar, das pessoas falarem, da confusão... Eu já tinha perdido aquilo, e certas coisas eu nunca aceitei e continuo não aceitando. Eu posso ter aprendido a conviver melhor, mas certas coisas eu nunca aceitei. Então, ficaram sempre ali como calos.

Isso tem a ver com uma cultura profissional diferente, quer dizer, o jornalista e o jornalismo brasileiro é diferente do que você viveu lá fora? E é diferente como?

Isso tem a ver mais com uma experiência de vida pessoal. Mais até do que de trabalho - de trabalho também -, mas meu primeiro choque mesmo foi de vida pessoal. Eu, minha adaptabilidade não é muito difícil, então eu me adaptei bem na Inglaterra como também me adaptei bem na volta ao Brasil. Mas foi mais de coisas pessoais: como fazer para pagar o aluguel, a burocracia para pegar um financiamento para pegar um imóvel. Hoje isso é melhor, mas naquela época era mais complicado. Comprar um telefone, eu disse: "Gente! Como comprar um telefone?" No primeiro dia que eu cheguei em Londres, eu pedi um telefone, escrevi para a companhia telefônica e dois dias depois meu telefone estava lá ligado. E aqui tinha que comprar o telefone no mercado negro, porque não havia telefones suficientes. Esse tipo de coisa que é muito chocante. Eu me batia contra a burocracia que atrapalha a vida, e com o barulho na rua, as ruas são muito barulhentas, muito mais do que lá. As pessoas falando muito alto, o que me mais me chocou, assim, relação entre as pessoas, aquele negócio de aparecer na sua casa de repente, meia noite e meia - isso não existe lá, todo mundo marca as coisas por antecedência. Eu acho que nada me dá o direito de aparecer na sua casa meia noite e meia, sem ter antes te ligado. E outros exemplos do gênero: marca encontro e não aparece, essas coisas, isso me incomodava muito. A estrutura de trabalho havia mudado bastante, mas eu sabia como se trabalha no Brasil, porque

o escritório da *TV Globo* em Londres era um escritório brasileiro, não era um escritório inglês, como o escritório da *TV Globo* nos Estados Unidos era um escritório para jornalistas brasileiros, fazendo jornalismo para o Brasil. Pode até ter funcionários estrangeiros, mas está fazendo para cá. Então, você está dentro dessa cultura e dentro desse molde de trabalho que tem suas exigências. Então isso era mais fácil até de eu me adaptar e você vai levando. Agora, esses embates pessoais, burocráticos, isso me incomodava profundamente. E também a falta de seriedade das pessoas no trato com quase tudo. Mas tem o lado positivo também: você abrir a janela e ver o Cristo, ver o sol todo dia, andar pela praia, ver pôr-do-sol, aquilo tudo que eu reencontrei; isso foi sensacional. A natureza brasileira exuberante, que realmente é envolvente, é uma coisa linda, isso foi ótimo; tem muitas coisas boas no Brasil. E eu também passei a conhecer o Brasil melhor depois que eu voltei, porque aí eu passei a fazer muitas matérias viajando pelo país, eu fui para o *Globo Repórter* e viajei de cabo a rabo o país, isso foi maravilhoso, foi o melhor da volta: encontrar o Brasil que eu não conhecia ou que conhecia só de ouvir falar, e ver as diferenças sociais, culturais. Aí eu passei a realmente valorizar mais o país.

O *Globo Repórter* é também um programa que mudou muito de perfil ao longo do tempo. Quando você volta, que *Globo Repórter* é esse? Que tipo de matéria você está fazendo para ele?

Várias matérias sociais. Havia um grande crime, o caso Isabella Nardoni, por exemplo, virava um *Globo Repórter* num determinado momento; fazia um mutirão para tratar do assunto que era o fato da semana. Mas havia muitas coisas. Eu fiz programas sobre habitação, sobre asilos psiquiátricos, sobre relacionamento das pessoas, sobre emprego, muitas coisas assim, muitos assuntos brasileiros que você podia desenvolver, e programas sobre natureza, ecologia, preservação de flora e de fauna, isso foi realmente maravilhoso, sensacional, porque é um aprendizado. E eu não conhecia, nunca tinha entrado dentro da Amazônia. Entrar na Amazônia é uma experiência; você andar na caatinga é uma experiência, você ver a savana é uma experiência, o pantanal é uma experiência. Ver gente absolutamente pobre é uma experiência, os carvoeiros, ter contato com os carvoeiros, uma profissão tenebrosa, é uma coisa triste, como é que pode? Mineradores. Eu estive em áreas de mineração que estavam se formando, campo de Bom Futuro, por exemplo. Mineração de cassiterita, aquela gente vivendo na lama, gente morando em condições precárias, todo mundo com malária, hospitais de malária improvisados; as fronteiras do Brasil: Rondônia, Acre, isso é muito impactante. E eu acho que os brasileiros têm que conhecer. Então, fazer programas sobre isso foi muito legal, o Brasil que todo mundo precisa conhecer.

Quer dizer, o *Globo Repórter* faz esse retrato do Brasil. Como a pauta é decidida? Há essa consciência de que o programa dá a ver os problemas do Brasil para uma audiência enorme? Como essa pauta é discutida?

Olha, o *Globo Repórter* mudou ao longo do tempo. Quando eu era da equipe do *Globo Repórter*, o viés era diferente do que é hoje. Hoje, você tem no programa um viés mais consumista entre aspas, vamos dizer. Mães adolescentes, obesidade infantil, dificuldade para casar, programas sobre sorriso, mais coisas sobre animais... De vez em quando um tema mais pesado. Eu não estou nessa equipe mais, então eu tenho a sensação de que corre-se muito atrás do Ibope também. Antes, corria-se atrás do Ibope, mas tinha-se mais Ibope. Hoje é mais complicado, a questão do Ibope virou mais difícil na televisão, o *Globo Repórter* volta e meia apanha do Ibope, passou uma fase que apanhou muito, agora não sei como está. Como o *Fantástico* apanha do Ibope, oscila, é complicado. Então, hoje é um outro programa, é um programa voltado mais para outros interesses.

Você acha que hoje o telejornalismo está muito pautado pela audiência, é isso?

Eu acho que o telejornalismo melhorou muito comparando ao longo do tempo. Do telejornalismo que existia de quando eu comecei para hoje, houve um enorme progresso. O *Jornal Nacional* passou fases desacreditadas, sofreu muito com a censura e sofreu em alguns momentos com orientações editoriais erradas, mudou, melhorou, recuperou o fôlego e hoje o que você vê no *Jornal Nacional* você não duvida mais, você pode até discordar, mas você não duvida. O programa ganhou credibilidade, mas tem concorrência também. Acho que o principal concorrente imita o *Jornal Nacional* e faz pior. Estou dizendo sem nenhum preconceito; não é porque a empresa x ou y ou z. Eu estou olhando para o que ele está fazendo, para o que eu vejo no ar, ele tenta imitar e ele faz pior. O concorrente não deveria imitar o *Jornal Nacional*, mas tentar fazer uma coisa que o *Jornal Nacional* não faz, se propor a fazer uma coisa que seja melhor que o *Jornal Nacional*, que, em tese, possa vir a ser melhor do que o *Jornal Nacional*. Infelizmente não é isso que está acontecendo. Contudo é saudável que haja concorrência. Mas a grande concorrência para a televisão está começando a ser a internet, que impõe ao jornalismo exigências que antes não existiam. Acho que telejornal que fala para todos tende a acabar, porque nem todos vão querer ouvir às oito horas da noite aquelas notícias que eles já viram antes. Então, o desafio do telejornal é servir cada vez mais o telespectador. A internet também. É descobrir os nichos, onde ele vai servir para a vida, para o dia-a-dia do telespectador.

Você estava falando que você acha que o telejornal para um público amplo, para todos, tende a acabar. Por quê?

Tende a acabar ou diminuir, porque eu acho que, com a internet, as pessoas simplesmente podem procurar os seus interesses. Então, de um cardápio de notícias, ela clica lá onde ela tem interesse. Eu acho que o jornalismo do futuro vai por aí, ou melhor, o jornalismo do presente. Você tem que dar opções interativas para o telespectador, até porque, o universo das pessoas que acessam a internet hoje, já de manhã e ao longo do dia, foi se informando, então, o que vai ao ar no telejornal, basicamente ele já sabe, a não ser que tenha havido decorrências dos fatos que ele já viu na internet. Então, aquilo que antes o telejornal da noite apresentava como sendo o resumo das notícias do dia, porque ninguém sabia direito, muita gente já sabe, ou seja, ele não vai apresentar novidades. Ele vai apresentar uma série de fatos que podem não interessar mais a todo mundo. Então, isso é o desafio do telejornal, que vai acabar migrando para a internet, vai se fundir, vai ficar uma coisa só, assim como a escrita está entrando na internet. Ela não vai morrer - eu acredito que o jornal não vai morrer, como o telejornal não vai morrer -, mas ele vai ter que mudar de caráter, porque senão não vai sobreviver. E isso é um desafio para nós, desafio para o repórter, desafio para o jornalista, porque atuamos como a interface entre os dois lados da sociedade, nós passamos informação daqui pra lá, daqui pra cá, de cá pra cá, de cá pra lá; nós procuramos unir todas as pontas desse universo social extraordinário. Hoje em dia, a informação existe em muita quantidade, ela é muito barata. A gente tem informação para dar e vender. Então, já não é mais qualquer informação, à medida que aumenta o número de informações, vai ter que aumentar a filtragem daquilo que realmente vai interessar as pessoas. Elas têm menos tempo para ler. Quando nós estamos clicando, nós navegamos com rapidez. Então, para pegar as pessoas para os determinados assuntos, é preciso criar uma cultura de fazer isso, é preciso aprofundar a cultura de servir às pessoas e de não só falar para as pessoas, como se nós fossemos o jornalista que fala para o povo. Não. As pessoas estão se informando mais e eventualmente entre essas pessoas há também o repórter amador, que vai lá e descobre uma notícia, que também quer colaborar. É claro que nem todo mundo que descobre um fato legal pode ser um jornalista, a profissão não vai acabar, mas a profissão vai ter que mudar para se ajustar à mudança do universo de leitores, telespectadores e internautas. Isso aí é o nosso grande desafio. Então, a televisão, do jeito que ela funciona, ainda está num formato antigo. A interação ainda não é muito grande, ela ainda está aprendendo a fazer a interação. Esse é o novo desafio da televisão. O desafio anterior era: "como

fazer na televisão o que os jornais ou o que as rádios já faziam”, porque muito do passado da televisão tem uma ligação com o rádio pelo lado do áudio, pela questão do falar. Agora, coloca-se um outro paradigma para todo mundo: “como apresentar notícia, informação que seja também conhecimento para um universo cada vez mais informado de pessoas”. Quando eu digo conhecimento, nem toda informação é conhecimento. A informação que não é conhecimento, a gente descarta, porque você não vai perder tempo vendo um programa na televisão ou clicando numa notícia num site na internet se aquilo não te ajuda em nada. Isto é o que eu acho: conhecimento é mais importante do que a informação; ele é maior, ele ajuda a te formar, ajuda a te melhorar. Então essa parte do jornalismo serviço vai ter que crescer cada vez mais, no sentido de te explicar o serviço, desde como se faz com o novo tipo de caixa eletrônico até como entender a guerra na Geórgia, ou como entender a questão da [exploração de petróleo da camada de] Pré-sal. Isso é um desafio mesmo, você tem que atrair as pessoas para isso.

Você está fazendo essa distinção entre informação e conhecimento. Num mundo com tanta informação, a gente ainda continua historicamente a desconhecer certas coisas. Por exemplo, a pauta internacional, que você conhece tão bem. A gente não sabe nada da África, por exemplo. Por que isso acontece? A gente não sabe nada de algumas partes do mundo.

É, a gente sabe muito pouco da América Latina, que está aqui do nosso lado. Agora começamos a saber mais. É uma questão da leitura, da formação das pessoas no Brasil, que ainda incipiente, e da expectativa criada em torno de conhecer o seu vizinho. A imagem que se tem dos nossos vizinhos aqui é “tudo *cucaracha*”. Só nós, por sermos diferenciados na língua portuguesa e por sermos o maior país do continente, desenvolvemos esse olhar de superioridade para com os nossos vizinhos. Agora isso está começando a mudar, porque você entende que é preciso fazer blocos comerciais no mundo; o mundo está se formando em blocos, nós aqui ainda não nos formamos adequadamente em blocos, porque o Mercosul é uma coisa pífia. Outros blocos que podem nos unir aos países andinos... Eu acho que é uma questão de divulgar, de termos mais conhecimento sobre essas áreas e de ver como elas são importantes para a nossa vida também. É importante ter um acordo comercial forte na América do Sul para melhorar a nossa vida como nação, para que nós fiquemos mais fortes frente a outros blocos econômicos. A África não conhecemos, porque também existe o olhar preconceituoso sobre o negro, o que eu acho que também começa a mudar. Então, conhecemos pouquíssimo das áreas de onde os negros vieram: Angola, o Moçambique, o Benin, a Guiné-Bissau, países que estão intimamente ligados ao Brasil. Isso já está começando a chegar, já tem

gente estudando isso, mas ainda não tem uma massa crítica no Brasil que seja suficiente para dar conta de tantas coisas. Depois, o mundo é muito grande. Essas inter-relações hoje passaram a ser muito importantes, porque tudo ficou mais competitivo, então, temos que saber como se trabalha “à la chinesa”, porque isso pode ser importante para a gente, por exemplo. Os americanos, por exemplo, são muito ignorantes em inúmeras questões, porque eles se tornaram a potência do mundo no século XX. Todo mundo quer e precisa falar inglês, todo mundo consome os produtos culturais deles; todos os países, de alguma forma, se relacionam com os Estados Unidos. “Então, porque vamos aprender as coisas dos outros?” - eles devem pensar - “eles é que tem que aprender as nossas”. Por isso eles são tão ignorantes, e até por serem tão ignorantes cometem tantos erros prejudiciais em política. Mas uma coisa os países desenvolvidos fizeram mais acertadamente do que nós: eles conhecem sua própria história muito bem.

O momento em que você voltou para a Globo e para o Brasil, é o momento também em que o país está passando por uma redemocratização. A Globo, particularmente, enfrenta a questão de recuperar sua credibilidade, em alguma medida debilitada pelo período do Regime Militar. Esse é também o momento em que algumas coisas muito importantes acontecem. Então, eu queria que você comentasse um pouco qual foi o impacto, por exemplo, de alguns fatos em que a Globo foi novamente criticada naquele processo: um, a cobertura das Diretas Já, e o outro, a cobertura das eleições em 1989, quando ocorre o episódio da edição do debate Collor-Lula. No momento em que a Globo está tentando recuperar a credibilidade, ela vai ser criticada fortemente por esses dois acontecimentos. Para quem estava dentro da redação, qual foi o impacto que isso teve? Qual foi a experiência de dentro da redação?

Nas Diretas Já eu estava fora do Brasil. Eu ouvi falar à distância, não é a mesma coisa, e eu realmente passei a saber do peso disso quando eu voltei para o Brasil. A questão do debate do Collor, aquilo foi muito ruim, realmente, aquilo foi um erro. Eu acho que a própria empresa reconhece isso hoje e não faria isso novamente, porque aquilo foi um erro de orientação de determinadas pessoas e que manchou horivelmente a empresa. Mesmo que se acreditasse que o Collor iria ganhar o debate, a informação sobre o debate não pode ser manipulada. Você pode ter dito o seguinte: “olha, ele ganhou o debate, portanto vamos editar assim, assim”. Não é por aí. O debate tinha que ser editado da forma que ele aconteceu, dando um lado e o outro lado, porque, a essa altura, quem viu o debate em casa ou já tirou a sua conclusão ou não tirou conclusão nenhuma, mas o debate aconteceu na íntegra.

Toda vez que o jornalismo tenta manipular a realidade de uma maneira mentirosa, ele se machuca. Eu acho que isso refletiu muito mal dentro da empresa e ficou aquela mancha. Eu acho até que a empresa se recuperou dessa mancha em eleições subseqüentes, em que o comportamento dela foi impecável. A empresa passou a se cuidar para que menores detalhes, tempo igual, e igual disso, isso e aquilo, aquilo outro, para que ninguém pudesse dizer nada. Então, as últimas eleições foram impecáveis, ninguém pode jogar uma pedrinha, porque realmente essa lição foi aprendida. O que existe em jornalismo e que é discutível é o seguinte: cada vez que você faz uma reportagem, quando você está gravando uma reportagem na rua, você escolhe um ângulo para botar a câmera, a sua câmera não capta o mundo real exatamente como ele está acontecendo, ela capta o que está acontecendo aqui, não vai registrar outras coisas acontecendo lá no fundo. A reportagem é a mesma coisa. É preciso ter um olhar para tratar qualquer assunto. Então, você vai ser objetiva dentro do caminho que você escolheu para tratar aquele assunto, eu penso assim. Por isso que imparcialidade absoluta não existe, porque se eu escolho o lugar para virar a câmera, eu já estou sendo parcial. O que eu posso é ter objetividade com aquilo que eu escolhi, e tratar com honestidade e com veracidade aquilo que eu escolhi mostrar. Isso é que é importante na reportagem. A minha reportagem não vai mostrar tudo, existem algumas coisas sobre um fato. Que bom se aquelas coisas sobre o fato que eu mostrei tiverem sido transmitidas com honestidade e veracidade! Então, às vezes é difícil as pessoas entenderem o viés que a matéria tomou, e aí isso pode dar margem à interpretação de que se deu mais tempo àquele candidato, a *Globo* defende aquele candidato, a *Record* defende aquele candidato... Isso é uma fronteira em que é preciso realmente prestar muita atenção. Imparcialidade absoluta é impossível. Quando as pessoas dizem assim: "a *TV Globo* não foi imparcial". Realmente, nesses casos que você citou, não foi mesmo não. Mas, em outros casos, ela é imparcial e pode até parecer que não. Você fez uma escolha, eu escolhi contar minha reportagem dessa maneira, aquilo para mim é a verdade que eu estou vendo naquele momento, mesmo que deixe de ser verdade amanhã. Já um outro repórter, uma outra emissora, sei lá, pode escolher contar esse fato de outro jeito e também ser verdade. Por isso é que é complicado, e o telespectador, assim como o leitor, tem que ter senso crítico. Você pode, de fato, manipular uma fala, que cabe dentro do seu texto, para que o sujeito responda da maneira que você quer, aí já é uma outra coisa. Eu considero isso uma desonestidade. Outra coisa também, que é um artifício técnico: a última pessoa que vai falar numa matéria, em tese, todo mundo vai lembrar. Então, quem vamos botar para falar na matéria do Pré-sal? O cara que é contra ou o ministro a favor? É uma escolha,

porque você não vai botar ao mesmo tempo um e outro, alguém vai finalizar. Mas, na prática, a finalização é um ponto final daquela matéria, não quer dizer que você fez aquilo com o objetivo de garantir que as pessoas vão guardar aquela última frase, isso não é necessariamente intencional, mas pode ser visto dessa maneira.

Sandra, você está falando de questões que dizem respeito ao jornalismo de uma forma geral, mas que ganham muita importância quando a gente está pensando na TV Globo, no papel que ela tem no Brasil, a audiência que ela tem no Brasil. Você, inclusive, é um rosto muito conhecido. Qual é a sua experiência quanto à repercussão da Globo junto ao público?

De um modo geral, é grande a repercussão. Hoje em dia, com a mudança dos Ibopes, o público também está vendo outras emissoras, mas a *TV Globo* ainda permanece como a emissora que tem mais audiência. Falando do ponto da audiência, é surpreendente e significativo que a audiência da televisão tenha caído e caído bastante nos últimos anos - isso eu li na imprensa recentemente, uma pesquisa do Ibope, que caiu 20% no Rio de Janeiro nos últimos cinco anos. Isso sinaliza que as pessoas estão indo para onde? Muita gente para a internet. Esses 20% não ficaram necessariamente numa outra emissora, eles se diluíram, saíram daqui, podem ter ido para uma outra, foram para outras mídias. Então, antes, quando a *TV Globo* falava, ela falava sozinha. Hoje ela não fala mais sozinha, o que é saudável, no meu entender, porque isso é prova de um amadurecimento da sociedade. E para manter o seu público e continuar com a credibilidade, que eu acho que ela tem que trabalhar por isso. O outro, para enfrentá-la e chegar à mesma credibilidade, tem que trabalhar por isso. A imprensa não é mais soberana, mas ainda é muito respeitada. Nessas pesquisas de opinião pública em que entram a imprensa, a igreja, os políticos, os médicos e não sei o quê, a imprensa ainda aparece bem, mas cada vez mais e mais pessoas são críticas do que elas vêem. Então, quando eu estou fazendo o meu trabalho, eu penso muito nisso. Tem muita gente que está me criticando, tem gente que vai me criticar positivamente, negativamente, mas eu preciso prestar muita atenção sobre o que eu digo e a forma que eu digo, porque o povo está lá, me vendo. E eu não estou aqui falando soberanamente para ninguém. Nunca, pessoalmente, me coloquei nessa posição, mas o fato é que, por estar nesta empresa, a empresa nos eleva a esse patamar, mas temos um patamar que vai ficando mais realista. As pessoas ainda acreditam em mim, me conhecem, acreditam no que eu faço e no que eu digo, mas eu tenho que cada vez mais, todo dia, batalhar para que elas continuem acreditando no que eu faço e no que eu digo. E isso é saudável. É preciso aprender a viver com isso, porque é difícil você sair do trono, é difícil baixar o patamar. E ao mesmo tempo, é

muito desafiador, é muito bom, é o que a geração do jovem que está começando vai pegar. Não é brincadeira não ter um leitor, ter um telespectador... Aquilo que a música e o cinema estão sentindo, filmes em que se gastam milhões e milhões...

Qual é a sua opinião sobre um projeto como esse, que tenta resgatar a memória do jornalismo brasileiro?

Eu acho muito interessante este projeto, porque eu cresci ouvindo dizer: "o Brasil não tem memória, a gente nunca lembra nada". O que é verdade até hoje. Um país novo, em que aquilo que está por vir é sempre visto como mais interessante do que o que passou, e, às vezes, mais interessante do que o que está sendo vivido. A memória existe para servir de espelho para aquilo que nós somos hoje e como podemos vir a ser no futuro. Podemos ser melhores no futuro, olhando aquilo que fizemos de errado no passado. A memória é um elemento fundamental na constituição do que é uma sociedade, do ser social. Quem não tem passado não vai ter futuro. Por que os europeus e os americanos dão tanto peso à memória, aos museus, aos arquivos? Porque eles olham para trás para ver como eles vão ser na frente. A gente tem que fazer isso também. Não é para viver no passado: "ah, o passado era melhor!" Não é o saudosismo, mas é o desenvolvimento. Povo sem passado é povo sem futuro. Isso pode parecer um clichê, mas é verdade.